

# O Problema do Negro nos Estados Unidos

Nelson Kirst

«Kennedy manda cumprir pela força a lei sôbre a integração racial». Eis a manchete que salta aos olhos, na primeira página do Correio do Povo de 2 de outubro do corrente ano. Durante vários dias essa e outras notícias, referentes à turbulenta admissão do estudante negro, James Meredith, na Universidade do Mississippi, ocuparam lugar de destaque nos jornais e noticiários radiofônicos de todo o mundo.

Em contraste, diversos documentos representativos da ideologia norte-americana, testemunham com acentuada ênfase a afirmação contida na Declaração de Independência dos EEUU, de que «todos os homens foram criados iguais, que são dotados, pelo Criador, de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a vida, a propriedade e a busca de felicidade».

A flagrante contradição entre êsses dois fatos — entre a consciência dos norte-americanos, de serem o “arsenal da democracia», de constituírem a democracia por excelência, baseada nos «direitos iguais de liberdade, justiça e humanidade, dos quais todos os homens foram dotados pelo seu Criador», e a dolorosa realidade na qual vivem os cidadãos de côr daquele país — só pode provocar em nós repulsa e revolta. Nós, brasileiros, em geral não tardamos em criticar e atacar violentamente aquela nação pela prática de tais abusos contra os mais elementares direitos humanos, tão ávida e orgulhosamente por ela defendidos.

Lamentavelmente, porém, esquecemos que, na maioria das vezes, nossos ataques carecem de base e fundamento, não sendo mais do que mera repetição de notícias sensacionais e parciais da imprensa. Em vista disso, o presente trabalho tem por fim examinar o problema do negro nos EEUU, através de sua evolução histórica, até o presente. Procuramos, dessa forma, evitar que se façam críticas e ataques precipitados, sem conhecimento de causa e sem a consideração de que seríamos passíveis dos mesmos ataques se nos encontrássemos em idêntica situação.

Para fins de clareza, analisaremos a evolução histórica em cinco fases principais: Escravidão, Guerra Civil e Emancipação, Reconstrução e Nadir, I Guerra Mundial e Nova Era, II Guerra Mundial e Presente.

## Escavidão

Procedentes da África ocidental e central, os escravos pouco conservaram de suas tradições e costumes de origem. Os padrões africanos de pensamento e conduta só poderiam sobreviver entre grupos grandes, isolados, que tivessem pouco contato com brancos. Tal isolamento, porém, era praticamente inexistente, visto que a maioria dos escravos vivia em pequenos grupos, trabalhando em fazendas e plantações pequenas, e, por isso, em constante contato com brancos. Também o comércio interno de escravos vinha quebrar o isolamento, destruindo a estrutura da família, principal veículo transmissor de tradições e de cultura. Sob tais circunstâncias não foi possível preservar a organização social e as línguas africanas, tornando-se mais fácil a aquisição de novos hábitos, costumes e modo de pensar.

Suas memórias, costumes e padrões de comportamento, trazidos das terras de origem, eram destruídos e desapareciam, perdendo sua importância. Por outro lado, era mais intenso seu contato com brancos e mais rápida a assimilação dos costumes e do modo de vida destes. O Cristianismo, principalmente pregado por batistas e metodistas, foi muito bem recebido, assumindo em seu meio um caráter bem especial. Importante é que os escravos inteligentes eram encorajados a tornarem-se pregadores, transformando-se nos primeiros líderes negros do Novo Mundo. A fé cristã oferecia ao negro oportunidade de auto-expressão que não lhe era proporcionada em nenhum outro setor, tomando assim imediatamente o lugar de seus cultos pagãos.

Antes do advento de negros para as colônias, existia lá o sistema, no qual brancos pobres se submetiam a fazendeiros capitalistas por certo período de servidão absoluta. Nesse sistema foram enquadrados também os primeiros negros, transformando-se o sistema paulatinamente em escravidão total, que eliminou a servidão do branco pobre. Em 1662 o estado de Virgínia aprovou a primeira lei legalizando definitivamente a escravidão do negro. No Sul (no presente trabalho, Norte e Sul referem-se exclusivamente às mencionadas regiões nos EE UU) os escravos trabalhavam quase que exclusivamente em grandes plantações, sob a inspeção de brancos. Considerados mera propriedade, viviam totalmente à mercê do branco e eram tratados de modo a produzirem o maior lucro possível, sendo, para tanto, necessário reduzir a direção da massa a um sistema que permitisse a um homem canalizar as forças de um grande número de homens opostos à sua vontade. Com o desenvolvimento do sistema das plantações, criou-se um método complexo de rito social e de etiqueta, através do qual negros demonstravam seu estado inferior, na presença de brancos.

Após um período de idealismo, que, evoluindo paralelamente à independência dos EE UU, combateu a escravidão, tomou esta um impulso impetuoso, por volta de 1790, como consequência da invenção da «cotton gin» (máquina que separa o algodão da semente, contribuindo assim grandemente para o seu beneficiamen-

to) e do crescimento acelerado da indústria têxtil na Inglaterra, que exigia sempre mais e mais algodão das colônias.

Não existindo no Norte o sistema das plantações, a escravidão não assumiu lá maiores proporções, exercendo os escravos, em geral, funções domésticas. À medida que a escravidão desaparecia de morte natural, no Norte, começaram a surgir lá tendências e movimentos abolicionistas. No entanto, convém lembrar que quase sempre as atitudes tomadas a favor ou contra a escravidão eram motivadas por razões meramente econômicas, dada a diversidade de interesses entre o Norte industrial e o Sul rural. Os nortistas davam um cunho moral à questão, obrigando o Sul a movimentar seus escritores e pensadores a fim de elaborar um sistema de defesa. Na apologia da escravidão desempenhou a Bíblia um papel preponderante e surgiram livros com títulos tais como: «A Doutrina Cristã da Escravidão» ou «Escravidão Ordenada por Deus».

Acontecia que no Sul certos escravos inteligentes e habilidosos aprendiam diversos artesanatos, gozando de posição de destaque entre os seus e perante os brancos. Conseguiam, às vezes, comprar sua liberdade e passavam a viver a partir de então como negros livres.

Dos quase quatro e meio milhões de negros existentes nos EE UU na época da abolição, meio milhão eram negros livres, dentre os quais sobressaíam os mulatos. No Norte, passavam por grandes dificuldades, enfrentando a concorrência do branco pobre na indústria, mas tinham seguidamente oportunidade de educar-se. No Sul, viviam em geral em melhor situação econômica, principalmente nas plantações, mas não tinham acesso à educação. Em certos centros alcançavam lugar de destaque, havendo entre eles até médicos, pastores e professores de formação universitária, já antes da abolição.

Eram extremamente conscientes de sua posição superior à dos escravos, principalmente no Sul, e faziam valer sua superioridade. Fundavam associações e instituições, para o fomento da educação, recreação, proteção de viúvas e órfãos e assistência social em geral.

No Norte surgiram, entre negros livres, movimentos em prol da abolição, no que eram auxiliados por abolicionistas brancos isentos de interesses secundários.

Desde o início da escravidão registraram-se revoltas e insurreições entre escravos, as quais, no entanto, sempre foram mal sucedidas. Deve-se tal insucesso à carência de um denominador comum e um meio de comunicação que os unisse. Por outro lado, sempre houve fugas individuais com êxito, em geral ocasionadas por motivos de ordem psicológica e não por mau tratamento físico. Sua meta era o Norte, onde esperavam encontrar liberdade.

Cumprimento mencionar a atuação da "Underground Railroad" (ferrovia subterrânea), um movimento clandestino que, fomentado

por negros livres, quakers e brancos abolicionistas, auxiliava escravos a desertarem, conduzindo-os, através de postos situados em vários pontos estratégicos dos estados do Norte, até alcançarem os limites do Canadá e assim a liberdade.

## Guerra Civil e Emancipação

Embora a abolição parecesse muito distante em 1859, dado o poderio político dos democratas, as eleições de novembro de 1860 vieram transformar o panorama político, dando a vitória aos republicanos, industrialistas do Norte. Temendo um governo oposto aos seus interesses, tomou a aristocracia sulina o caminho da secessão. Desencadeou-se assim a Guerra Civil, cuja finalidade primordial era a de reintegrar na União os estados secessionistas.

Com a evolução da Guerra e sob pressão de uma das três correntes do Partido Republicano, a questão da abolição tornou-se o ponto principal e mais decisivo da disputa.

A situação do negro durante a Guerra Civil foi pela primeira vez posta à prova em relação à sua atuação como soldado. De início as forças federais libertadoras evitavam recrutar negros nas forças de combate, empregando-os, porém, em outros trabalhos. Mas com o tempo abandonaram essa medida, recrutando-os para enfraquecer o Sul e dando-lhes assim oportunidade para uma atuação exemplar como soldados.

O objetivo de Lincoln era, nas suas palavras, «salvar a União e não salvar ou destruir a escravidão». Embora estivesse convicto de que o negro não tinha habilidades como soldado e de que negros e brancos jamais poderiam viver juntos na mesma comunidade, declarou a emancipação de todas as pessoas tidas sob escravidão, a 1º de janeiro de 1863. Como sempre, a verdadeira atitude do Norte e dos republicanos frente à questão, estava condicionada aos seus interesses econômicos e não humanos ou democráticos. DuBois escreve: «Para as massas do Norte o negro era uma curiosidade, um trovador sub-humano, voluntária e naturalmente um escravo, tratado como merecia. Não tinha senso suficiente para revoltar e auxiliar os exércitos do Norte, mesmo que estes estivessem tentando emancipá-lo, o que não era o caso».

A notícia da emancipação provocou estupefação e confusão geral entre os escravos. Entrou em colapso o sistema das plantações. Senhores abandonavam as fazendas e ex-escravos procuravam auxílio, trabalho e comida junto às forças federais, juntando-se a elas com família e pertences.

Foram criadas no Norte associações que enviavam missionários para o Sul, a fim de auxiliar o negro a enfrentar as responsabilidades de cidadão. Em 1864 o Congresso instituiu o Freedmen's Bureau, cuja finalidade era distribuir terras abandonadas, providenciar escolas, mantimentos, trabalhos remunerados, transportes, hospitais e estabelecer justiça entre libertos e ex-senhores.

E' interessante notar que muitos nortistas apoiavam o direito de voto do negro, o que viria auxiliar o Norte na consolidação de sua política de industrialização, contra o Sul, enquanto que não concordavam em proporcionar-lhes segurança econômica, visto que isso lhes enfraquecia os cofres, através de impostos.

Com a criação do Freedmen's Bureau e a aprovação dos direitos civis, pelo Congresso, começara o período de reconstrução, o qual exerceu influência incalculável sobre o negro e seu futuro.

## Reconstrução e Nadir

Ao cabo da Guerra Civil, a maioria dos brancos do Sul nem sequer cogitava em dar ao negro direitos de cidadão livre e as assembléias estaduais trataram de aprovar imediatamente legislação que reconduzisse o negro a uma situação idêntica à da antiga escravidão. Em resposta, o Congresso passou a emenda nº 14 da Constituição, dando ao negro o direito de cidadão norteamericano, garantindo-lhe inclusive direito de voto. Tais medidas, bem como a aprovação de garantia de proteção ao negro nas leis sob a jurisdição das côrtes federais, não puderam ser executadas sem o emprêgo de força. Em 1867 forças federais ocuparam o Sul, depondo os governos existentes e estabelecendo assembléias que passassem legislação, aprovando os direitos de cidadão do negro. No entanto, o govêrno federal e as assembléias deixaram de expropriar os grandes latifundiários, continuando os negros na sua maioria trabalhadores em plantações, dependentes daqueles para sua subsistência.

Durante êsse período surgiram negros inteligentes e de maior cultura, impondo-se e liderando sua gente, principalmente como representantes nas assembléias estaduais, mas também no Congresso, onde, de 1870 a 1901, vinte negros defenderam os direitos de sua gente. No entanto, nem êles conseguiram impedir que dentro de poucos anos estivessem reduzidos ao mesmo estado de antes da Guerra.

Foi no campo da educação que o negro alcançou mais alto. Democratas sulinos combatiam a educação do negro, principalmente devido aos impostos que daí resultariam. Os missionários do Norte, porém, fundaram escolas e instituições que mais tarde viriam a ser as grandes universidades negras, prestando assim grandes serviços. Tais missionários eram odiados pelos sulinos brancos e não raro eram suas escolas incendiadas e êles expulsos das mesmas.

Foi no período após a Guerra Civil que surgiram os conflitos raciais até então praticamente inexistentes, dadas as severas restrições do regime de escravidão. A emancipação impôs ao expropriário de escravos um sentimento de insegurança e o antagonismo racial intensificou-se quando ambas as raças se defrontaram em competição, principalmente na procura por emprêgo. Qualquer tentativa do negro de exercer seus direitos era vista pelo branco como atrevimento e desrespeito. O branco continuava a julgar-se superior e senhor. Ocorreram nessa época inúmeros ca-

sos de violência contra negros, que foram os precedentes de tantos conflitos deploráveis, durante as décadas seguintes. Também a famosa e famigerada Ku Klux Klan teve sua origem nessa época, transformando-se em arma potente de conservadores e democratas, no seu esforço de controlar o negro e reconquistar o poder político. Carl Schurz, um dos maiores políticos da época, afirma que qualquer branco honrado e de bem não sentiria a menor dor de consciência em fraudar um negro, roubá-lo, assassiná-lo ou violentar uma mulher negra, e explica o fato, asseverando que os brancos ainda tinham a convicção de que «os pretos em geral pertencem aos brancos em geral». Sobre a pessoa do negro canalizavam-se as culpas de tudo que acontecia contra a vontade de qualquer classe de brancos, quer operários, quer classe média, quer latifundiários.

Em 1872, cinco anos após o início da reconstrução, duas medidas adotadas pelo Congresso assinalaram o retrocesso da situação do negro que viria a alcançar o nadir, o nível mais baixo, o ponto mais crucial de sua existência nos EE UU. Foram elas: a retirada das tropas federais, possibilitando aos latifundiários democratas sulinos o retorno ao poder, e a dissolução do Freedmen's Bureau, sem cujo auxílio grande parte dos negros caía mais uma vez nas garras dos brancos. Estava definitivamente instituída a «supremacia branca» e o negro reduzido a um estado não muito distante da escravidão. Com o tempo, a única liberdade que lhe restava era a liberdade de movimento.

A fim de alcançar a «supremacia branca» lançou-se mão de fraude e violência organizada. Por volta de 1890 os estados haviam sancionado a legalização da privação do negro de seus direitos de cidadão, bem como sua segregação em transportes, logradouros e acomodações públicas e outras formas de discriminação social e civil. Enquanto isso, a atitude do Norte e do governo federal era de total indiferença. Um verdadeiro «deixa correr para ver como é que fica».

A fim de privar o negro de seu direito de voto, sem arranhar a emenda nº 15 da Constituição, instituíram-se impostos eicitorais, bem como métodos pouco honestos e exigências de execução quase impossível para a grande maioria dos negros. Assim, quase todos os negros estavam impedidos de exercer seu direito de voto.

Por detrás de tudo isso estava a firme decisão de reduzir o negro a uma casta subordinada. Verbas destinadas a escolas segregadas para negros eram devidamente desviadas pelas autoridades locais para as escolas de brancos que experimentaram grande progresso, enquanto que as escolas negras em quase nada progrediram.

Durante o período da «supremacia branca» não cessaram os conflitos raciais. A violência organizada que antes perseguia o negro em geral, voltava-se agora contra indivíduos, que eram barbaramente assassinados e linchados pelas menores insignificâncias. Em 1890 o número de linchamentos nos EE UU subiu a 170.

Enquanto isso até líderes negros aconselhavam sua gente a permanecer subordinada e a aceitar sua sorte, confiando nos «amigos brancos do Sul». Tal subordinação já se vinha concretizando naturalmente por volta do fim do século passado.

No Norte a maioria dos negros vivia uma existência precária devido à falta de oportunidade na indústria, enquanto que no Sul pelo menos ainda havia a possibilidade de ganhar o pão de cada dia trabalhando na lavoura.

Era essa a triste situação em que se encontrava o negro ainda na primeira década do século XX, ou seja, há pouco mais de 50 anos. Veremos que êsse meio século transformou totalmente sua existência.

## **I Guerra Mundial e Nova Era**

No início do século atual intensificou-se a segregação, com o aumento da população negra urbana. Dada a falta de empregos e outras sérias privações, aumentou o número de crimes e de favelas. Quando os EEUU entraram na I Guerra Mundial, havia leis legalizando a segregação racial em trens, bondes, salas de espera, bilheterias, teatros, restaurantes e outros logradouros públicos, bem como na indústria têxtil. Havia também segregação residencial e o povo adotava sempre mais êsse sistema de segregação que, antes de tudo, lhe era imposto e ensinado pela lei.

O negro já começava a acostumar-se a êsse status quo, quando surgiu, na primeira década, a primeira grande geração de líderes negros, grandes intelectuais, na sua maioria graduados de universidades americanas e européias. Iniciaram êles a intensa e ferrenha batalha pelo direito de voto, igualdade civil e educação, de acôrdo com todos os direitos implícitos na Declaração de Independência. Organizavam convenções e reuniões, até que em 1910 foi fundada a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), suportada tanto por negros como por brancos realmente bem intencionados. Encetava o negro sua jornada à procura de um lugar ao sol.

A NAACP, a maior entidade de auxílio ao negro até o presente, alcançou sua primeira grande vitória em 1915, quando, sob sua influência, a Côrte Suprema declarou como inconstitucional a «grand father clause», um dos meios empregados pelo Sul para privar os negros de seu direito de voto. Também a Côrte Suprema entrava na batalha e a partir de então inúmeras decisões suas a favor do negro, geralmente baseadas em petições da NAACP, vieram renovar sua fé na democracia. Começaram a surgir os primeiros sinais de esperança.

Além da atuação dos líderes negros e da Côrte Suprema, também a I Guerra Mundial veio transformar a situação do negro. E isso de duas maneiras. Em primeiro lugar, as indústrias armamentistas do Norte reclamavam trabalhadores, atraindo para lá, entre 1914 e 1917 uns 400 mil negros do Sul. Diminuíram as-

sim os atritos no Sul, mas aumentaram no Norte. Apesar disso, o negro encontrava lá melhores empregos, salários mais elevados, maior poder político e oportunidades de obter educação. Em segundo lugar, o contato de negros de tôdas as classes sociais e intelectuais nas fôrças armadas lhes proporcionou oportunidade de discutirem e compreenderem melhor seus problemas mútuos. O serviço em defesa da democracia no mundo deu-lhes disposição de lutar pela democracia na própria pátria. Embora sofressem discriminação nas fôrças armadas, em batalhões, campos de treinamento e até mesmo a bordo dos navios com destino à França, os soldados negros destacaram-se pela sua atuação em combate.

Durante a Guerra o Norte, com suas vantagens, continuou a atrair negros que fugiam à triste situação no Sul. No entanto, também no Norte sua situação não era das melhores. Negros viviam nas zonas urbanas, acumulados e comprimidos em casas e apartamentos, pagando aluguéis exorbitantes. Surgiam «ghettos», pois negros gravitavam em tôrno das zonas residenciais de outros negros, visto não poderem adquirir moradias em zonas mais habitáveis. Em consequência manifestavam-se desavenças entre antigos moradores negros e imigrantes de côr. Além disso, foi reavivada a Ku Klux Klan, também no Norte, com o fim de «pôr o negro no seu devido lugar».

Após a Guerra, aumentou a onda de conflitos raciais, nos quais centenas de negros e brancos perderam a vida. Em 1921 um projeto de lei, proibido linchamentos, provocado pela NAACP, foi aprovado pela Câmara, mas barrado no Senado por um «fili-buster» (obstrução parlamentar).

Nas décadas após a Guerra tomou vulto cada vez maior a leva de líderes negros intelectuais, pondo a serviço da causa do negro suas capacidades de novelistas, músicos, compositores, atores, jornalistas, poetas, médicos, cientistas, sociólogos e mesmo diplomatas. A educação tomava grandes impulsos, principalmente no grau superior, sendo que grande número de negros alcançava grau de bacharel cada ano e outros preparavam doutorados em universidades de renome.

Dado o seu crescimento no Norte, o negro logrou atingir poder político, sendo que em 1928 o primeiro negro voltou a ocupar uma cadeira na Câmara, o que não acontecia há 27 anos. Enquanto isso o tremendo impulso da indústria norte-americana favoreceu grandemente o negro, proporcionando-lhe salário e nível de vida mais elevados.

Ao final da segunda década, foi o negro um dos que mais sofreram sob a grande depressão. Os negros «eram os primeiros a serem despedidos e os últimos a serem empregados».

Embora não eliminasse a segregação, foi a segunda fase do New Deal, programa de govêrno do Presidente F. D. Roosevelt, que, a partir de 1935, veio proporcionar ao negro oportunidades até então inexistentes, dando-lhe trabalho e treinando-o em profissões especializadas, expandindo a rêde elétrica para as zonas rurais e

facilitando a aquisição de residências e terras. Muitos empreendimentos, porém, principalmente na assistência social, eram administrados por autoridades locais e privavam o negro de seus benefícios. As bases lançadas pelo New Deal foram ampliadas pelas administrações posteriores e o Congresso de Organizações Industriais (CIO), a primeira grande união de operários a aceitar negros, deu mais um passo à frente na conquista dos direitos do negro. Digno de nota é o fato de que Roosevelt recrutou uma série de auxiliares diretos negros que passaram a ser chamados de «gabinete negro» e que muito auxiliaram sua gente.

Apesar da resolução da Córte Suprema, de 1896, de que acomodações separadas deveriam ser iguais, continuavam as escolas negras sendo inferiores às dos brancos; professores negros percebendo salários mais baixos do que brancos com o mesmo preparo, crianças brancas sendo transportadas de ônibus para as escolas, enquanto que as negras percorriam o mesmo trajeto a pé. Nenhuma faculdade negra tinha um currículo adequado e as de brancos sempre eram melhores e mais especializadas.

Ao início da II Guerra Mundial, porém, a caminhada dos negros em direção à posição a que tinham direito, já era bem mais curta e menos difícil do que em 1914.

## II Guerra Mundial e Presente

Os efeitos da II Guerra Mundial trouxeram consigo transformações ainda mais acentuadas do que a I Guerra Mundial e o New Deal. Mais uma vez negros, brancos liberais e o govêrno federal serviram-se de tais transformações a fim de consolidar as antigas conquistas sociais e alcançar novas, tanto para negros como para outros norte-americanos desprivilegiados.

Em 1940 tomou vulto um movimento muito bem organizado, em prol da maior participação de negros nas forças armadas, pois, embora constituíssem 10% da população dos EE UU, os negros perfaziam só 2% das forças armadas, onde, além disso, ocupavam cargos pouco importantes. Sob a influência dêsse movimento, bem como da NAACP e de outras organizações, foi determinada em 1940 a eliminação de discriminação por motivos de raça ou côr. na seleção e no treinamento de homens nas forças armadas. Pela primeira vez na história negros foram apontados para altos postos de comando, contando-se entre êles um general-brigadeiro e um auxiliar de Secretário da Guerra. Ao cabo da Guerra, 7 mil oficiais negros serviam à pátria e em 1946 a marinha extinguiu totalmente qualquer espécie de segregação. Tais mudanças não decorreram sòmente da brilhante atuação do negro durante a Guerra, em combate, mas também da crítica ferrenha da imprensa e de líderes negros e brancos, bem como da sensibilidade do govêrno federal frente à discriminação vigente no próprio «arsenal da democracia».

O contato de negros das diversas classes, nas forças armadas, teve conseqüências ainda maiores do que quando da I Guerra.

Embora se multiplicassem as oportunidades de trabalho, ao início da Guerra, eram muitas as dificuldades e desigualdades enfrentadas pelo negro. Sob a pressão de líderes negros, que ameaçavam uma marcha sobre Washington, o Presidente Roosevelt criou o Fair Employment Practice Committee (FEPC), cuja finalidade era investigar discriminações no emprêgo de operários e outras violações de seus direitos. Foi tal a atuação do FEPC, que de 1940-44 mais de meio milhão de negros abandonaram as lavouras, procurando colocação nas fábricas. Em quatro anos o negro experimentou, no campo da indústria e do trabalho, progresso maior do que nos 75 anos anteriores. Paralelamente, organizações operárias tomavam as mais diversas medidas, reduzindo discriminação no seu meio.

Ao mesmo tempo a Côrte Suprema continuou sancionando decisões favoráveis ao negro, eliminando discriminação em linhas férreas interestaduais, favorecendo o negro como eleitor e como cidadão, a um grau jamais atingido até então. As conquistas alcançadas na luta pelos direitos de igualdade do negro nas forças armadas, na indústria, nos transportes, nas uniões de operários e na cidadania do negro, assumiam proporções notáveis ainda antes do início da guerra fria entre os EEUU e a URSS.

Em 1947 o Comitê de Direitos Civis, da Presidência da República, recomendou ao Congresso grande número de leis, cuja finalidade seria realmente «a eliminação de segregação baseada em raça, côr, credo ou origem nacional», de todos os setores da vida norte-americana. No entanto, até abril de 1956, quase 10 anos mais tarde, nenhuma sequer das leis recomendadas foi aprovada pelo Congresso. Em contraste, a Côrte Suprema, bem como legislações estaduais e municipais aprovaram muitas das recomendações.

Embora fôssem importantíssimas as decisões da Côrte no tocante a transportes e acomodações públicas, as mais decisivas atingiram o campo educacional. A Côrte sempre favoreceu o negro nos casos de discriminação em universidades sulinas, decidindo definitivamente em 1955, que no campo da educação pública a doutrina do «separado, mas igual» não pode existir. No entanto, nem sempre é possível evitar que tais decisões não sejam cumpridas. A segregação é maior nos estados tradicionalmente ainda presos ao sistema de plantações, onde políticos conseguiram organizar resistência às decisões da Côrte Suprema. Tais políticos temem que a integração das escolas seja seguida de outras medidas que poderão quebrar a segregação, resultando, em última análise, na perda do seu poder político. Nesse sentido é chocante constatar que dos 558 membros do Congresso 101 instaram no emprêgo de todos os meios legais possíveis a fim de evitar o cumprimento das decisões da Côrte Suprema. Ainda hoje brancos fazem uso de intimidação e pressão econômica a fim de evitar que o negro vote, que progrida nos seus negócios, que empreenda qualquer ação em prol da integração das escolas, enfim, que lute por seus direitos de cidadão. Cumpre lembrar aqui o fato de que no início do corrente ano

Robert Kennedy, o Secretário da Justiça da atual administração norte-americana, apesar de seus ingentes esforços, não logrou influenciar o Congresso a aprovar um projeto de lei que proibisse a privação do direito de voto por motivo de analfabetismo, a cidadãos que tivessem cursado no mínimo seis anos de escola pública.

Dado o poder político do negro na atualidade, tanto o Partido Republicano como o Democrata incluíram nas suas plataformas, das últimas campanhas eleitorais, projetos de legislação de direitos civis, com o fito de alcançar seu voto, principalmente em certos estados e cidades do Norte.

Se considerarmos a situação atual do negro sulino, no que se refere à educação, não podemos deixar de reconhecer grandes progressos. Em 13 de março de 1956 o New York Times publicou um levantamento que revelou estarem sete estados sulinos divididos ou atrasando a integração e seis integrando. Em 1954 e 55 decisões da Côrte Suprema determinaram a integração das escolas públicas «o mais depressa possível». Enquanto que cinco estados sulinos, apoiados por governadores, senadores, deputados e conselheiros municipais, opõem resistência a tais decisões, doze estados e o Distrito de Columbia iniciaram a integração de suas escolas públicas já há uns sete ou oito anos. Enquanto isso, a Côrte Suprema persiste na sua política de combate à discriminação. Espera-se que em breve ela consiga também tomar decisões igualmente eficazes em relação ao transporte dentro dos estados. Tais dados não deixam de ser alentadores, se considerarmos a situação em décadas anteriores.

Paralelamente, o aumento e a concentração da população negra nas zonas urbanas do Norte intensifica o atrito racial, especialmente em relação a problemas residenciais, dando, no entanto, ao negro oportunidade de eleger três representantes para a Câmara, uns quarenta membros de legislaturas estaduais e um número considerável de conselheiros municipais. Seu poder político concentra-se principalmente nos grandes centros, como New York, Philadelphia, Detroit, Chicago e Los Angeles.

Nas últimas décadas grandes personalidades negras, esportistas, cantores, músicos, cientistas, romancistas e poetas se têm destacado nos EEUU, tornando-se não só populares, mas parte integrante e indispensável da vida norte-americana. A imprensa negra tem atualmente uma potência inestimável na liderança de sua gente. Até mesmo a imprensa branca (com exceção do Sul) trata o negro com igualdade. Bancos, companhias de seguro e o comércio negros crescem dia a dia. Profissionais negros encontram reconhecimento entre seus colegas brancos. Muitas universidades liderantes do Norte contam com catedráticos negros entre seus docentes. Diversas organizações eclesiásticas fazem o possível para exterminar a discriminação em seu seio.

Em 1956 estatísticas provaram que se o negro tivesse oportunidades iguais às do branco, haveriam 24 mil graduados universi-

tários negros, em vez de 9 mil, e 153 mil graduados de escolas secundárias, em vez de 68 mil. Por outro lado, a percentagem de analfabetos baixou de 81,4% em 1870, para 6,5% em 1950. A renda anual para pessoas de cor, que em 1939 perfazia US\$364 per capita, em 1950 atingiu US\$1.250, enquanto que para os brancos aumentou de US\$956 para US\$2.481. Tais números espelham claramente a evolução da situação do negro e seu estado atual.

Chegamos assim à conclusão do nosso exame do problema do negro, em sua evolução histórica, nos EEUU. Embora não menosprezemos a atuação de tantos brancos bem intencionados, temos de reconhecer que, na maioria das vezes, principalmente no século passado, o auxílio do branco visava seu próprio poder político e econômico. O grande herói na luta do negro pelos seus direitos de cidadão é o próprio negro. Usando e abusando das oportunidades de educação que lhe são proporcionadas, êle lidera sua gente, como guia intelectual. Cumpre destacar também a atuação brilhante da NAACP e de organizações operárias. No entanto, pouco adiantaria o seu esforço se o govêrno federal, e principalmente os podêres executivo e judiciário, não atuassem tão decididamente em favor do negro. O problema racial é sempre um dedo em riste acusando a consciência de cada norte-americano que se orgulha de viver na terra que, no seu entender, é o «arsenal da democracia».

Quanto a nós, não podemos deixar de respeitar os esforços ingentes empregados pelos EEUU a fim de resolver êsse seu grave problema. Os que acompanharam o noticiário referente a James Meredith, nos últimos dias, certamente ficaram impressionados com a decidida atuação de Kennedy, que não hesitou em empregar a força para fazer valer a democracia. E' evidente que ainda existe hoje segregação racial nos EEUU e sobretudo existe o preconceito racial. A história, porém, demonstrou que ambos não são barreiras indestrutíveis e que, mais dia, menos dia, perderão tôda e qualquer relevância.

O problema do negro nos EEUU ainda não está solucionado e, se quisermos, encontraremos sempre motivos para atacar aquêle país por seu mau tratamento dado ao negro. Não nos esqueçamos, porém, de que qualquer ataque de nossa parte terá de respeitar os esforços daquele país em sanar seus males, pois, do contrário, estaremos agindo como hipócritas, vendo o argueiro no ôlho do nosso irmão, sem dar conta da trave que está no nosso próprio ôlho.